

COMO GRAMSCI FOI APRISIONADO

Marcos Del Roio¹

Resumo: Este artigo tem a intenção de fazer um balanço da bibliografia e da documentação disponível que trata das circunstâncias da detenção de Antonio Gramsci no início do mês de novembro de 1926. Percebe-se que há diferentes versões sobre o acontecido e ainda persistem incertezas sobre determinados pontos, cuja solução será muito difícil de ser alcançada. As fontes sobre aquele momento histórico são cartas e documentos produzidos por quem de um ou outro modo esteve envolvido com o problema, memórias registradas 30 ou 40 anos depois e a bibliografia referente ao próprio Gramsci e ao Partido Comunista Italiano. Observando erros em alguns textos ou interpretações quase que inaceitáveis, tornou-se possível fazer uma nova reconstrução a partir do material disponível, mas sem resolver lacunas impossíveis de serem fechadas. Um autor importante utilizado em todo o texto é Luciano Canfora, o qual serve como fonte e como interlocutor. Ao fim do artigo ficará claro que os contemporâneos dos acontecimentos, ainda que não esclareçam detalhes importantes, são aqueles que melhor explicaram o aprisionamento de Gramsci.

Palavras-chave: Gramsci, fascismo; partido comunista italiano.

Abstract: This paper aims at taking stock of the bibliography and documentation available about the circumstances of Antonio Gramsci's conviction at the beginning of November 1926. We note that there are different versions about this happening and there are still uncertainty about some points, which solution is very hard to reach. The sources about that historical moment are letters and documents produced by people, who one way or another, were involved with the issue, memories rescued 30 or 40 years later and also the bibliography about Gramsci himself and the Italian Communist Party. By observing mistakes in some texts or interpretations, it became possible to make a new rebuilding from the material made available, but also without filling in the gaps, which are in fact impossible to fill. An important author used along this work was Antonio Canfora, who acts as both source and interlocutor. At the end of the paper, it will be clear that people who were contemporaneous of the happening, although cannot clarify important details, are the ones who best explained Gramsci's imprisonment.

Key words: Gramsci, Fascism; Italian Communist Party.

Perguntas em aberto

É relativamente vasta a literatura que trata da questão da prisão de Gramsci como evento de excepcional importância na trajetória pessoal desse intelectual revolucionário, na trajetória do Partido Comunista Italiano e também como acontecimento marcante no cenário de transformação do fascismo em forma de Estado. Há a limitada documentação coetânea aos fatos, cartas que trataram de maneira mais ou menos direta do acontecido, memórias de quem esteve mais ou menos próximo,

¹ Professor Titular do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas UNESP/Marília.

expostas num arco de 30 anos a 40 anos – da queda do fascismo aos primeiros anos 80 – e a bibliografia histórica sobre Gramsci e o Partido Comunista Italiano.

Muitas questões ficaram e permanecem em suspenso e a menos que eventual nova documentação fique disponível – dos arquivos da polícia, por exemplo – é pouco provável que sejam cabalmente respondidas. Por que Gramsci retardou a viagem para Milão? O que aconteceu de fato no trem ou na estação de Milão para que Gramsci retornasse a Roma? Ester Capponi recebeu Gramsci na estação de Milão e depois foi para Roma a buscá-lo? Quando? Antes ou depois do dia 4 de novembro, data marcada inicialmente para a saída de Gramsci da Itália? Quem ficou responsável pela tentativa de fazer Gramsci sair no dia 11 para a Suíça? Houve uma reunião do Conselho Político do partido que articulou esse plano e que autorizou os dirigentes que também eram deputados a não comparecer na sessão da Câmara dos Deputados do dia 9? Quanto era intenso e eficaz o monitoramento da movimentação de Gramsci pela polícia?

As interrogações sobre os eventos são muitas e a explicação para o ocorrido não amadureceu de imediato, mas foi composta aos poucos. Apenas em março de 1927, uma reunião do CC do PCI fez uma primeira avaliação do processo decorrido desde outubro precedente. A dedução, ainda avaliada sem a devida profundidade, era aquela de que o Partido havia errado na previsão sobre a evolução do fascismo e houve que se enfrentar com a resistência de caráter ético político do próprio Gramsci. Esse quadro retardou a retirada de Gramsci (e de outros dirigentes) da Itália, até que o coetâneo momento da ida de Gramsci a Milão e o pseudo atentado contra Mussolini em Bolonha desencadeasse o golpe de Estado, cujas vítimas principais foram os comunistas. Ao fim desse artigo espero ficar demonstrada que essa primeira avaliação era mesmo a mais correta e que a reconstrução de Luciano Canfora é um exemplo forte de revisionismo histórico com uso equivocado da documentação existente. Ver-se-á que muitas citações feitas neste texto foram retiradas exatamente do livro de Canfora, mas com conclusões muito diferentes. (CANFORA, 2012).

As fontes para a reconstrução dos acontecimentos são aqueles da memória imediata, aquelas enunciadas nos dias e semanas subsequentes ao aprisionamento de Gramsci. A detenção de Gramsci, deputado e principal liderança do PCI, foi um evidente desastre político e uma grande vitória de Mussolini, o qual, precisamente naqueles dias fazia consolidar a ditadura fascista. A memória de militantes que estiveram de algum modo envolvidos ou próximos aos acontecimentos foram capturadas entre os anos 50 e 80 e comportam uma historicidade própria, de modo geral expressa na preocupação de

“não prejudicar o partido”. No entanto, a memória aparece como móvel, segundo o tempo e lugar em que é declarada.

A bibliografia existente que aborda os acontecimentos são as biografias de Gramsci e a historiografia relativa ao PCI. Os anos 90 marcam uma divisão importante: o fim do PCI e da URSS possibilitou uma investida revisionista direcionada contra a tradição histórica do movimento comunista, muito além da crítica ao “stalinismo”. Contudo, uma massa importante de documentos foi resgatada, organizada e feito disponível. Assim a questão da interpretação da documentação ganhou importância ainda maior.

Depoimentos e Memórias

A leitura feita em 1927 prevaleceu nas interpretações sucessivas do partido e da própria bibliografia que lhe era simpática, com variações mais ou menos acentuadas nos detalhes. Na tentativa de reconstituição que se segue foi oferecida mais importância às cartas de Carlo Codevilla, Camila Ravera, Ruggero Grieco e Tatiana Schucht, todas emitidas ainda no decorrer do mês de novembro de 1926. Em todas essas são perceptíveis o impacto do acontecimento e também a subjetividade que movia cada um dos redatores: cautela, frustração, raiva, vergonha.

Entre aqueles mais diretamente envolvidos destaca-se Camila Ravera, que escreveu um livro de memórias, publicado em 1973, no qual aparecem diferenças em relação à carta dirigida a Togliatti poucos dias depois da prisão de Gramsci: a carta é muito emocional e a memória é racional e triada pelo tempo. No seu *Diário*, Ravera conta a versão de Ester Capponi que teria dito “que em Milão Gramsci não havia chegado aos encontros estabelecidos com a Comissão técnica [do PCI], nem foi encontrado nos seus habituais lugares de hospedagem naquela cidade”. Tendo Ester Capponi seguido no dia 5 de novembro a Roma e encontrado Gramsci na pensão onde morava, teria ela ouvido de Gramsci que “na sua chegada a Milão, milicianos fascistas e agentes da polícia o haviam bloqueado e, repetindo cortesmente ‘por sua segurança, excelência’, o fizeram repartir para Roma” (RAVERA, 1973, p. 251).

O livro de Camila Ravera conta com incrível falha na linha do tempo da narrativa dos acontecimentos daquele começo de novembro. Ravera, num primeiro momento diz que Gramsci foi detido na noite do sábado, dia 6, mas depois, na mesma página, escreve a informação correta sobre a ocorrência da prisão na noite do dia 8 (RAVERA, 1973, p. 252-253).

O depoimento de Gustavo Trombetti, que conviveu com Gramsci na prisão por seis meses em 1933, a respeito do que lhe fora contado sobre o acontecido na estação de Milão, parece ser bem próximo da verdade efetiva. No livro organizado por Mimma Paulesu, *Gramsci vivo*, publicado em 1977, Trombetti conta ter ouvido de Gramsci que

chegou em Milão no mesmo dia do atentado de Bolonha, encontrou Esther Capponi na estação (uma excelente companheira bolonhesa, que conheci bem, mas já está morta), e foi por ela aconselhado a voltar a Roma, porque a situação depois do atentado a Mussolini tendia a se exasperar e o partido entendia que em Roma estaria mais bem protegido (CANFORA, 2012, p. 69).

Trombetti continua a narrar:

Enquanto Gramsci e Capponi conversavam na estação de Milão, parece que um comissário da segurança pública, que havia reconhecido Gramsci, interveio – ou talvez estivesse informado da sua chegada – e também ele disse que era mais seguro repartir para Roma dado que em Milão a polícia não poderia garantir-lhe que ficasse incólume (CANFORA, 2012, p. 69).

Foi assim que Gramsci acata a ideia de voltar a Roma no primeiro trem. Teria contado a Trombetti que na estação de Milão foram muitos os fascistas a subir no trem, enraivecidos por conta do atentado contra Mussolini, ocorrido ao fim daquela tarde de 31 de outubro. A falha evidente no depoimento de Trombetti pode ser observada na afirmação de que *“Gramsci chegou a Roma e depois de poucas horas foi arrestado”* (CANFORA, 2012, p. 70).

Conta por fim que Gramsci considerava que havia ocorrido uma falha do partido ou de alguém encarregado de tirá-lo de Roma e da Itália, o que foi parte da opinião emitida por Ruggero Grieco, nas semanas subsequentes ao infausto acontecimento da prisão de Gramsci. É de se notar que em 1933, Gramsci esteve convencido que a carta mostrada pelo juiz instrutor do processo Entico Macis, em nome de Ruggero Grieco, por suas inconfiáveis, poderia ter sido decisiva para a sua condenação. Parece que a suspeita (jamais comprovada) sobre Grieco teria se estendido para os acontecimentos que o levaram a prisão.

Em 2015, nas páginas da revista *Studi Storici*, Nélio Naldi publicou um artigo que resgata todos os depoimentos referentes a viagem de Gramsci de Roma a Milão, no dia 31 de outubro. A documentação não coincide com aquela apresentada por Canfora: ambos ignoram um ou outro depoimento, julgados irrelevantes ou sem valor, segundo avaliação de cada autor. Entre esses, Naldi teve ocasião de consultar dois documentos que continham declarações de Gustavo Trombetti e que mostram como suas memórias sobre o que havia dito Gramsci poderiam ter se contaminado com as conversas que teve com Ester Capponi.

Outro depoimento recordado por Naldi é o de Orfeo Zamboni, marido de Ester Capponi, feito ainda em 1951. Não deixa de ser curioso ou mesmo intrigante que Zamboni conte que o encarregado de encontrar Gramsci, no dia 1º de novembro, seria ele, mas que não foi porque o jornal do partido, *L'Unità*, fora destruído pelos fascistas na noite anterior. Nada fala da presença de Ester Capponi na estação na noite de 31 de outubro. Dez anos depois, Zamboni deu outro depoimento, no qual deu a entender que a viagem de Gramsci era apenas uma a mais. Não lembra de Ester Capponi, menos ainda do encontro a ser realizado em Val Polcevera ou da saída de Gramsci da Itália, rumo a Moscou (NALDI, 2015).

Uma carta de Afonso Leonetti a Palmiro Togliatti conta como se seguiram os acontecimentos de 31 de outubro. Leonetti soube da Carlo Gramsci essa história, o qual, por sua vez, ouvira do próprio Antonio Gramsci, quando o visitara no cárcere. Naldi transcreve a carta (NALDI, 2015)

Gramsci nunca chegou a Gênova, onde o C.C. deveria se reunir. (e não o U.P.). Se pensou de convocar o C.C. para Gênova (arredores) durante as celebrações da 'marcha sobre Roma', porque se acreditava que o encontro poderia ocorrer mais 'tranquilamente', enquanto os fascistas estavam ocupados com suas 'paradas'. O ataque do jovem Zamboni em Bolonha aconteceu e todos os cálculos deram errado. Gramsci estava a caminho de Milão, onde era esperado por seus companheiros. Assim que chegou a Milão, um comissário de polícia não deixou nem que Gramsci descesse do trem - 'Excelência - lhe disse - para o seu próprio bem retorne a Roma. Isso Gramsci fez, pegando o trem seguinte, (é claro, para evitar problemas aos camaradas que o esperavam em Milão). Esta informação de Carlo Gramsci, (que obteve diretamente de Antonio) correspondem ao que mais tarde aprendemos com Esther.

Nesse caso o indício é de coincidência com o depoimento de Orfeo Zamboni, marido de Ester, que nada fala da presença dela na Estação ferroviária de Milão. A própria Ester poderia ter ouvido essa história de Gramsci, quando esteve com ele em Roma, dias depois. Importante observar que Luciani Canfora não considera os depoimentos de Orfeo Zamboni e de Afonso Leonetti, que são decisivos. Considerados esses dois depoimentos, Gramsci teria chegado a Milão ao amanhecer do dia 1º de novembro, Ester poderia estar lá em lugar de Orfeo Zamboni, a polícia "recomenda" a Gramsci de voltar a Roma. Fica obscuro se Ester estava mesmo ali, já que nenhum desses documentos afiança, ou ainda se Gramsci desceu do trem e com quem teria falado.

Biografias e bibliografia

Há diversas biografias de Gramsci feitas desde os anos 60, mas aquela que ganhou foros de clássica é de Giuseppe Fiori, cuja primeira edição é de 1966. Sobre a viagem de Gramsci a Milão, Fiori é bastante impreciso, pois fala como se Gramsci tivesse viajado com conhecimento do atentado contra Mussolini e assume a versão de Togliatti, condensada a partir de informações de companheiros que estiveram próximos àqueles acontecimentos. Na versão de Togliatti, que Fiori cita, Gramsci nem teria descido do trem, tendo lido, quase certamente a narrativa de Leonetti, aceita por Togliatti. A narrativa dos dias subsequentes, até o dia da prisão também são vagos e deixam perguntas em aberto. (FIORI, 1966, p. 252-255)

No segundo volume de sua história do partido comunista italiano, Paolo Spriano (SPRIANO, II, 1969, p. 61-67) também assume a versão condensada por Togliatti e faz uso das declarações de Camila Ravera. Mesmo no pequeno livro de 1977 (republicado em 1988) Spriano se contenta com a versão de que Gramsci fora aconselhado a retornar a Roma na estação de Milão. Em nenhum momento aparece a figura de Ester Capponi (SPRIANO, 1988).

No fim dos anos 90, Aurélio Lepre (1998) publica uma biografia de Gramsci, na qual já é forte a tendência a análise psicológica. Há o sério deslize de contar a versão de Gramsci aconselhado pelo comissário de polícia como ocorrida em Genova e não em Milão. Assume também como confiável que a segunda pessoa, depois de Ester Capponi, a procurar tirar Gramsci da Itália fora enviada (de onde?) e seria Giuseppe Amoretti. Nem Fiori e nem Lepre falam da segunda tentativa de tirar Gramsci, marcada que estava para o dia 11, nem do impacto imediato que teve a sua detenção para o PCI (LEPRE, 1998).

Em 2001, Michelle Pistillo fez uma primeira avaliação das diferentes fontes para entender o que de fato havia ocorrido. No entanto, parece que Pistillo pensa ser pouco provável que Ester Capponi tenha estado com Gramsci na estação de trem e supõe que foi o oficial de polícia a ter “aconselhado” o retorno de Gramsci a Roma. Esse autor também indica, seguindo a carta de Carlo Codevilla (“Ugo”) a Togliatti, que o dia da partida de Gramsci para a Suíça deveria ser o dia 11 de novembro. Segundo a análise feita, o depoimento de Trombetti não tem problemas, mas difere bastante de outros (PISTILLO, 2001, p. 45-47)

Por outro lado, valoriza bastante o depoimento de Ezio Riboldi, de 1964, sobre as horas que antecederam a prisão dos deputados comunistas, na noite do dia 8 de novembro de 1926. Riboldi teria sido avisado da prisão iminente de todos, passou a

informação, “mas ninguém levou a sério, nem mesmo Gramsci, que deu de ombros rindo” (PISTILLO, 2001, p. 56).

A biografia escrita por Giuseppe Vacca (2012), muito documentada e informada, leva ao ápice a tendência a análise psicológica dos acontecimentos que envolveram a vida de Gramsci com a família. Vacca ignora toda a bibliografia escrita sobre aquele fatídico começo de novembro de 1926, para assumir inteiramente o conteúdo da carta de Tatiana Schcut aos familiares. Pelo que se sabe, na manhã de 1º de novembro, Gramsci já estava no caminho de volta a Roma e não “descuidadamente” em Milão, como diz Vacca, e esse é um deslize do autor, já que a carta de Tatiana é muito clara ao dizer ter estado com Gramsci em todos os oito dias que precederam a prisão (VACCA, 2012, p. 41). Ademais, como em outras ocasiões, Vacca peca pela interpretação subjetivista das fontes disponíveis.

No mesmo ano de 2012, Luciano Canfora dedica toda a primeira parte do livro acima mencionado para tentar esclarecer essa questão. Tendo acessado boa parte da documentação disponível seria de se esperar que muito mais luz fosse lançada sobre o problema, que tem implicações de diversa ordem, históricas e teóricas, para além de puramente biográficas. Ocorre, porém, que a interpretação dos documentos e das fontes frustra a expectativa. Ao se empenhar em desmantelar uma presumível “*história sagrada*” do PCI, Canfora acaba por forçar (no mínimo) determinadas críticas à bibliografia disponível, incluindo os depoimentos de memórias de militantes. Certo que a leitura filológica que entende fazer é da maior importância, mas as deduções que traz são bastante questionáveis.

Canfora coloca em dúvida o dia 4 de novembro como data inicialmente planejada para a saída de Gramsci da Itália, coloca em dúvida também o fato de Gramsci estar em constante vigilância policial nos dias que antecederam a prisão e, por fim, não acredita na existência de um segundo enviado para ajudar a saída de Gramsci. Nenhuma dessas teses se sustenta, mas talvez tenha sido Canfora o primeiro a destacar o fato de haver dois importantes militantes do PCI que eram informantes da polícia e que poderiam ter contribuído de algum modo para a prisão de Gramsci e de Scoccimarro, mesmo que por ora não haja qualquer prova. É observável com facilidade a antipatia que o autor alimenta em relação à figura de Ruggero Grieco, pouco faltando para acusá-lo também de informante da polícia (CANFORA, 2012).

Ruggero Giacomini, em 2014, publicou um livro sobre o tempo de prisão de Gramsci tendo como fio condutor a relação do prisioneiro com a procuradoria, vale dizer

com Enrico Macis. Por força esse autor deveu voltar ao ponto do aprisionamento de Gramsci. Sua narrativa polemiza de passagem com Canfora, que tem alguns de seus argumentos desmantelados com alguma facilidade, como, por exemplo, dia e horário das viagens de ida e volta de Gramsci de Roma a Milão. Plausível que Giacomini recebesse de Canfora o epíteto de seguidor da “*história da sagrada*” (GIACOMINI, 2014, p. 46-47).

A biografia de Gramsci escrita por Angelo D’Orsi (2017) é a melhor desde aquela “clássica” de Fiori. Sobre esse tema prefere assumir o depoimento de Gustavo Trombetti, companheiro de prisão de Gramsci, como o mais confiável, ainda que as incertezas resistam. Trombetti, na realidade, nos 18 meses que passou em Turi, dado o agravamento das condições de saúde de Gramsci, serviu-lhe como espécie de cuidador (D’ORSI, 2017, p. 257-261).

A exposição que se segue faz uso de todas essas fontes, sem estar inteiramente de acordo com qualquer delas, apenas destoando bastante das hipóteses de Canfora.

Os comunistas e a luta antifascista

O III congresso do PCI, realizado na cidade de Lyon, na França, em janeiro de 1926, consolidou o grupo dirigente formado em torno de Gramsci, assim como definiu a leitura e a perspectiva estratégica para a revolução socialista na Itália. A conclusão era de que a conformação de uma frente única operária e camponesa, ampliada ao semi proletariado urbano, poderia derrotar o fascismo e as classes dominantes e, após breve fase de transição democrática, se faria a revolução proletária (DEL ROIO, 2019).

De imediato então seria necessário desfazer a influência e organização de outras forças do movimento operário, mormente o PSI, a fim de forjar a unidade revolucionária da classe operária, em concomitância com a efetivação da aliança com o campesinato meridional, em particular. A ação política deveria se guiar pela palavra de ordem de agitação e propaganda pelo *governo operário camponês* (CAFAGNA, 1990).

No começo de agosto, nos dias 2 e 3, uma reunião do Comitê Central do PCI confirmou a linha política definida no Congresso e avaliou as tendências da conjuntura. A exposição de Gramsci, bastante otimista, indicava o fortalecimento do partido e o sucesso relativo da tática de frente única, com a formação e expansão dos comitês de unidade proletária, apontava as contradições do fascismo e o surgimento de uma força política, tal como a Concentração Republicana – formada por grupos políticos que haviam se retirado do Parlamento em junho de 1924 --, que poderia emergir como uma alternativa temporária para a burguesia, antes da vitória da revolução proletária.

A frente única deveria atrair os estratos intermediários das organizações políticas socialistas e católicas. A análise de Gramsci sugeria também a existência de uma vertente liberal no fascismo, que tenderia para alguma forma de institucionalização, e outra que expressaria exatamente as contradições no seio das classes dominantes. Essa instabilidade tinha como resultado o descontentamento crescente da pequena burguesia. Assim, diante da suposta debilidade do fascismo, em curto prazo, “*uma crise econômica imprevista e fulminante, não improvável em uma situação como a italiana, poderia levar ao poder uma coalizão democrática republicana (...) como capaz de enfrentar a revolução*” (Gramsci, [1926]1978, p. 121).

Frente a essa possibilidade, dizia Gramsci,

1) Devemos desde já restringir ao mínimo a influência e a organização dos partidos e da coalizão de esquerda para tornar sempre mais provável uma queda revolucionária do fascismo, para que os elementos enérgicos e ativos da população estejam do nosso lado no momento da crise. 2) Em todo caso devemos tender a fazer o mais breve possível o intermezzo democrático contando desde hoje a nosso favor o maior número de condições favoráveis” (Gramsci, [1926]1978, p. 120).

Percebe-se então com bastante nitidez que Gramsci avaliava que a frente única contava com condições de avanço rápido, que havia possibilidade de atrair os quadros intermediários das vertentes reformistas, liberais e democráticas, além de franjas da pequena burguesia descontentes com o fascismo. Isso possibilitaria restringir a possibilidade de um governo de coalizão democrática que substituísse o fascismo no momento da sua crise. Com essa orientação, no decorrer dos meses seguintes Gramsci escreveu artigos de dura polêmica dirigidos contra a Concentração Republicana. Para alguns dirigentes da Concentração Republicana, como Pietro Nenni e Carlo Rosselli, os argumentos de Gramsci não só não eram convincentes, mas apareciam como mero protesto diante de uma organização que propugnava uma “*república dos trabalhadores*”. A diferença de fundo era que Gramsci insistia numa posição classista, na necessidade de a classe operária conduzir o processo, enquanto socialistas e republicanos falavam de trabalhadores de forma indistinta (GIASI, 2020, p. 130-133).

Para Gramsci a crise do fascismo adviria de suas contradições internas e poderia ser potencializada por grave crise econômica. Toda essa avaliação tinha como pressuposto essencial a fragilidade da burguesia italiana, classe incapaz de generalizar a sua dominação por todo o território nacional e incapaz de criar um domínio estável, vale dizer uma hegemonia, sem o fascismo.

Efetivamente, Gramsci percebia a chamada “estabilização capitalista” de modo próximo ao que Zinoviev havia exposto na abertura do VI Pleno da Comissão Executiva da Internacional Comunista - CEIC (17 de fevereiro de 1926). Para Zinoviev, então presidente da Internacional Comunista, a “estabilização capitalista” poderia sofrer comoções mais ou menos sérias, em parte pela penetração do capital financeiro americano na Europa. (AGOSTI, t. 2, v.1, 1974).

A fórmula política da frente única nunca foi compreendida de uma só maneira e esteve sempre acoplada a interpretação da fase do capitalismo. Os que entendiam ter o capitalismo entrado numa fase de estabilização sólida e duradoura nos centros imperialistas defendia uma frente única das organizações políticas e sindicais do movimento operário e alimentavam mesmo a possibilidade de um governo operário dentro do Estado burguês. Outros imaginavam uma estabilização passageira e relativa, que poderia ser interrompida por repentina crise econômica e política, do que derivava certa flexibilidade na composição da frente única, mais de acordo com as situações nacionais: essa era a posição de Zinoviev e do V congresso da IC (1924). No caso da Itália a compreensão era de que a situação era revolucionária em permanência, não teria havido a estabilização. Compreende-se então que a frente única deveria ter desde logo um caráter revolucionário que ultrapassasse as organizações democrático reformistas.

Elemento essencial para o sucesso da frente única na Itália seria a consolidação da aliança operária e camponesa. A ação política com esse fim fora definida no III congresso do PCI (janeiro de 1926) e o texto que Gramsci escrevia sobre a questão meridional (em outubro) era parte desse esforço. A apreensão da particularidade da questão agrária era indispensável e Gramsci buscou circunscrevê-la exatamente na questão meridional e na questão vaticana. De fato, para Gramsci a atualidade da questão meridional encontrava-se na anexação do Reino de Nápoles ao Reino do Piemonte ocorrida em 1861, e na enorme influência ideológica da Igreja católica sobre o campesinato.

Os comunistas insistiam na perspectiva de uma assembleia republicana na base de comitês operários e camponeses, no controle operário da produção e terra aos camponeses, pois que entendiam que

É vão falar de república sem dizer se se trata da república operária e camponesa, na qual é suprimido o poder político e econômico da burguesia fascista, ou da república burguesa, na qual os trabalhadores continuariam a estar sob o jugo da plutocracia e dos agrários hoje dominantes (Cf. PISTILLO, 2001, p. 49).

O ano de 1926, de certa maneira entrecruzou a questão russa e a questão italiana na agenda dos comunistas. A oposição no PCI, arrumada em torno de Bordiga acabou por entrar de modo insidioso nas agudas contendas internas que incendiavam a vida política do Partido Comunista da Rússia. Quando as oposições à linha política que predominava no Partido Comunista Russo se unificaram a partir de julho, a luta interna passou a ser travada já com desconsideração aos princípios básicos da moral comunista. A correspondência enviada em outubro por Gramsci para a direção do PCR tentou exatamente chamar a atenção para essa questão, pois que aqueles métodos de disputa política levariam o partido certamente à cisão, com incidências muito negativas para toda a IC. (Cf. DANIELE, 1999, p. 402).

Ainda que a leitura do PCI sobre a situação internacional fosse mais próxima daquela de Zinoviev, do ponto de vista da linha política interna do PCR, a aderência maior era sem dúvida com a maioria de Bukhárin e Stalin, precisamente por conta da defesa da continuidade da ‘Nova Economia Política’ como garantia de preservação e aprofundamento da aliança operaria e camponesa.

Enquanto se aguçava a luta pelo poder na URSS, na Itália uma nova onda repressiva se anunciava depois do atentado contra a vida de Mussolini ocorrido no dia 12 de setembro, perpetrado pelo anarquista Gino Lucetti. Logo no dia seguinte acontece a detenção de Umberto Terracini, importante dirigente e que cumpria o papel de advogado do PCI.

Com o agravamento da repressão, a direção partidária coloca em pauta a ideia de formação de um centro diretivo externo na Suíça. A demora na implantação do centro externo indica que havia restrições significativas a essa decisão, que poderiam ser de caráter político ou organizativo.

A fim de esclarecer a situação política na URSS, a IC decidiu enviar para a Itália, como representante do Secretariado Latino, o suíço Jules Humbert-Droz, a quem caberia expor a questão russa e ouvir a posição do PCI a esse respeito. Nesse encontro também seriam formalizados os nomes da delegação italiana para o VII plenum ampliado do CEIC a ser realizado em Moscou entre os dias 22 de novembro a 16 de dezembro de 1926. A reunião do CC ficou definida para ocorrer em Val Polcevera, nos arredores de Genova, entre os dias 1º e 3 de novembro. Em concomitância ficou estabelecida a rota de saída de Gramsci em direção à Suíça, com a finalidade de seguir para a URSS, onde participaria no VII Plenum ampliado do CEIC, em caso quase certo de que fosse indicado como delegado. Pode-se supor que Gramsci faria esse trajeto junto com Humbert-Droz. No

retorno, Gramsci ficaria na Suíça para coordenar a comissão central externa, segundo decisão já tomada.

Os últimos dias de liberdade (vigiada)

Em 27 de outubro de 1926, de Roma, Gramsci escreve a Giulia Schucht, sua companheira em Moscou: *“dia 30, isto é, em três dias, eu partirei de Roma e procurarei sair do País para ir ao próximo ampliado: não estou inteiramente seguro de conseguir, mas parece que existam algumas probabilidades favoráveis”* (GRAMSCI, 1992, p. 475). Nota-se que Gramsci tinha noção das dificuldades para sair da Itália pelo menos uma semana antes do golpe de Estado, que o levaria inapelavelmente a prisão. O acertado era que Gramsci chegaria a Milão na manhã do dia 31, onde encontraria um guia que o levaria ao local da reunião. Acontece que Gramsci, por algum motivo não esclarecido, não fez a viagem conforme anunciou a Giulia. A sugestão simples de Giacomini de que Gramsci se atrasou por conta da arrumação das coisas que deixaria para trás (livros e documentos), já que não voltaria tão cedo, é bastante razoável (GIACOMINI, 2014, p. 46). Mas a hipótese posta por Naldi, que poderia se uma tentativa de despistar a vigilância constante da polícia também deve ser considerada (NALDI, 2015).

Ao fim, Gramsci viajou com apenas no dia seguinte, depois de ter almoçado com Tatiana. Aguardou o horário na companhia de Felippo Platone (RAVERA, 1973, p. 250). Difícil imaginar, como Canfora veio a conceber, que Gramsci tenha viajado no dia 30 mesmo e que Ester não fez parte desses acontecimentos. Não é de pouca importância nessa reconstrução histórica a questão dos horários da viagem fatídica de Gramsci. O empenho de Canfora é para dizer que o partido se desinteressou por Gramsci até o dia 5 de novembro (Cf CANFORA, 2012, p. 78-79).

Giacomini levanta a hipótese de que a partida de Gramsci poderia ter ocorrido às 15:20 h do dia 31, com chegada marcada para as 22:25 h. (caso trem não atrasasse). Seria tarde para seguir para Genova e daí a Val Polcevera: teria que dormir em Milão e seguir no dia seguinte e chegar com algum atraso para o início da reunião. Em tudo correndo bem, no dia 4 de novembro partiria para Moscou, com passagem pela fronteira suíça (GIACOMINI, 2014, p. 47). O problema é que o horário indicado da saída de Roma parece difícil de se compor com as informações de Tatiana Schucht. Ela diz que Gramsci havia almoçado com ela, ido até a pensão onde morava, voltado até sua casa, ido até a Estação ferroviária com boa antecedência e partido sem saber do atentado contra Mussolini: o pouco tempo para toda essa movimentação e a informação (não muito

clara) de que Gramsci partiu sem saber do atentado, compromete a hipótese de Giacomini.

Na hipótese de Naldi, o horário da partida de Roma teria sido às 20h25min h. e chegada prevista para a manhã do dia 1º de novembro, com Gramsci já pronto ir a Genova. O que enfraquece essa hipótese, por sua vez, é que contadas duas horas e meia depois do atentado era impossível que a notícia já não corresse em Roma. Mas se confirmado esse horário, os acontecimentos na estação teriam então ocorrido não no período da noite, mas na manhã seguinte. Nesse caso o trem de retorno a Roma teria que ser o das 11h20min do dia 1º de novembro. Gramsci teria chegado muito tarde a Roma para que tivesse podido se encontrar com Tatiana Schucht, como ela indiretamente afirma ter acontecido ao contar que estivera com Gramsci oito dias antes da prisão, ou seja, desde o dia 1º de novembro. (NALDI, 2015)

De todo modo o fato é que naquela tarde de domingo, dia 31 de outubro, pouco antes ou pouco depois da partida de Gramsci de Roma para Milão, ocorre novo atentado (muito possivelmente forjado) contra a vida de Mussolini, quando um adolescente, de nome Anteo Zamboni, teria disparado em direção ao *Duce*, cerca de 17h40min, ainda no decorrer de uma grande manifestação que se desenrolava em Bolonha, como parte dos festejos do quarto aniversário da “marcha sobre Roma”. O rapaz foi linchado e teve início por toda a Itália a enésima onda de violência fascista contra tudo e todos que fossem ou parecessem ser opositores da ditadura.

Assim, antes mesmo de chegar a Milão, independente do horário da partida, Gramsci estaria ciente de que algo muito grave havia acontecido: poderia ter visto a turba fascista que subira no trem ou mesmo informado pela polícia que possivelmente o vigiava desde Roma. Quando desembarcou em Milão, possivelmente em atraso, a estação estava tomada pelo tumulto, mas tentou encontrar a sua guia Ester Capponi. Dela talvez tenha já sabido que todos os endereços conhecidos das organizações antifascistas estavam comprometidos e que a sua presença em Milão colocaria em risco a infraestrutura clandestina do partido e a própria reunião do CC.

Gramsci esteve entre buscar refúgio na chefatura de polícia -- fazendo uso de sua imunidade de deputado -- e retornar a Roma na esperança que a situação se acalmasse. Diante da falta de garantia do comissário de polícia, decidiu pela segunda opção, seguindo possível “sugestão” da própria polícia. É provável que tenha imaginado que essa seria apenas mais uma onda de violência terrorista do fascismo, talvez mais extremada, mas não se deu conta que um salto de qualidade na evolução do fascismo

estava em andamento. Contando com que Gramsci tivesse conversado com Ester, ainda que muito rapidamente, na certa teriam definido alguma coisa sobre o que fazer em seguida. Ester poderia ter dito que iria logo em seguida, se acordado com Gramsci, ou aguardaria o fim da reunião do CC em Val Polcevera para falar com Grieco. Difícil imaginar que não houvesse alguém do partido à espera de Gramsci, mas não se sabe com certeza se Gramsci pode encontrar Ester Caponni.

A efusão fascista subsequente ao “atentado” contra Mussolini impediu a chegada de Gramsci e de outros a Val Pocevera, de modo a fragilizar os próprios resultados da reunião do CC. A exposição de Mauro Scoccimarro sobre a situação italiana repetiu a avaliação que a direção fazia pelo menos desde agosto. Não se sabia da gravidade dos acontecimentos que se procediam no País. Jules Humbert-Droz fez a exposição sobre a questão russa, sobre as divergências e disputas na direção do PCR, tanto a solicitar apoio explícito do PCI às posições da maioria conduzida por Bukhárin e Stalin, contra a “oposição unificada”.

Os comunistas italianos colocaram muitas reservas à ideia de “socialismo em um só País”, entendendo, como Gramsci, que o núcleo da questão era a construção da frente única internacional das massas trabalhadoras e que na Rússia era importante a manutenção da aliança operária camponesa e a construção da hegemonia do proletariado. No entanto, com a exposição de Humbert-Droz em defesa da posição da maioria do PCR, Grieco ameniza muitíssimo as reticências do PCI. Diz que *“deveremos fazer objeto de discussão as questões mais importantes: a questão da possibilidade ou não de que seja construído o socialismo em um só País; aquela da relação entre operários e camponeses, etc.”* (Cf. DEL ROIO, 2019, p. 215).

Logo depois afiança:

Nós cremos que a construção socialista na União Soviética é uma obra dura, difícil, árdua; mas que vai se desenvolvendo e que pode desenvolver-se. O importante, naturalmente, é manter na Rússia a hegemonia do proletariado. Mas para nós a hegemonia do proletariado não significa o domínio de uma classe sobre todas as outras. Se a classe operária, que se encontra indubitavelmente diante de graves dificuldades e sacrifícios se colocasse em luta contra os camponeses, isso significaria despedaçar o bloco operário camponês, base do poder proletário, e marchar rumo à derrota do Estado operário (DEL ROIO, 2019, p. 215).

Enfim, o PCI apoia as posições da maioria na medida em que se empenha na preservação da NEP e da frente única operária camponesa como meio de construir a hegemonia proletária, mas mantém em aberto o problema teórico da viabilidade ou não da construção do “socialismo num só País”. Como não foram encontradas possíveis

anotações sobre essa questão, fica impossível saber qual diferença faria a eventual presença de Gramsci nessa reunião, já que se sabia que o internacionalismo de Gramsci não se coadunava com o internacionalismo de Bukhárin e Stalin. Ainda nessa reunião foram formalizados como delegados italianos ao VII pleno os nomes de Gramsci e Grieco, sem, é claro, que se soubesse ainda do acontecido com Gramsci na estação de Milão.

Ao fim da reunião, no dia 4, já retornados a Milão, a polícia deteve Mauro Scoccimarro, mas não conseguiu arrestar Ruggero Grieco, que saiu para a França. Nesse mesmo dia Gramsci escreve a Giulia e informa que *“por um incidente tive que retornar a Roma e assim recebi a tua carta e posso ainda te responder: a minha carta precedente continua todavia confirmada nas suas linhas gerais”* (GRAMSCI, 1992, p. 480).

Nesse momento Gramsci já sabia que a partida não seria mais naquele dia, mas em outro e com maiores dificuldades. Como o intenso controle e repressão do fascismo haviam desarticulado o inicial planejamento do partido, a ideia foi a de buscar Gramsci em Roma para que a saída da Itália efetivamente ocorresse.

Ester Capponi continuava com a missão de guiar Gramsci a Milão e encaminhá-lo a Suíça com outro guia, mas os acontecimentos mais uma vez desfizeram os planos. Ester tinha autonomia para ir a Roma ao encontro de Gramsci a fim de acertar a tarefa de enviá-lo ainda no dia 4 ou dependia de determinação da comissão técnica do partido e essa da comissão política para articular outro dia? Na primeira hipótese, poderia ter estado em Roma ainda nos dias 2 ou 3 sem que se tenha conseguido definir um plano para a saída de Gramsci de Roma, até pelas objeções interpostas pelo próprio. Certíssimo que os movimentos de Gramsci estavam mais vigiados do que antes, mas marcavam um cotidiano que incluía a pensão onde morava, a Câmara dos Deputados e a residência de Tatiana, endereços próximos aos quais poderia ser acrescida ainda a embaixada soviética. Parece também que Gramsci se recusava a sair do País naquele momento de crise aguda.

Caso Ester não contasse com essa autonomia de movimento, mesmo que tivesse algo acertado com Gramsci desde a estação de Milão, não poderia ter estado em Roma antes do dia 5, pois teria necessitado da determinação da direção política (ou seja, de Grieco, e nisso o depoimento de Ravera estaria certo). O retorno de Ester Capponi a Milão teria ocorrido ainda na noite do dia 5. Em caso de ser exata a informação, fica ainda a pergunta se essa era a primeira ou segunda vez nessa semana que Capponi desembarcava em Roma. Mais provável, no entanto, é que tenha chegado a Roma no dia 5 e voltado no mesmo dia.

Ainda no dia 4 de novembro, à tarde, Camila Ravera chegava a Roma para reunião do secretariado político, agendada para o dia seguinte, quando deveria encontrar-se com Tresso e Scoccimarro, que já estava preso em Milão. No dia 5 também se encontrou com Ester Capponi, mas não com Gramsci, por conta da proximidade da polícia.

Quando Ester Capponi foi ao encontro de Gramsci no início da noite do dia 5, o golpe já era um fato consumado. A partir disso é que se precisou pensar de imediato um novo plano de retirada de Gramsci da Itália. É possível que ainda no dia 5 se tivesse avaliado os próximos passos a serem feitos pelo partido, incluído o arriscado, mas urgente, novo plano de retirada de Gramsci da Itália, feito com a participação de Giuseppe Amoretti e Felippo Platone, dirigentes do PCI em Roma.

Ainda nesse agitado dia 5 de novembro, a reunião do Conselho dos Ministros do governo fascista aprovava as chamadas “leis excepcionais”: na verdade um golpe de Estado a partir do qual seria estabelecida a forma do Estado fascista. Foram criados uma polícia política, a OVRA, e um Tribunal Especial de Defesa do Estado, todas as organizações de oposição -- fossem jornais, associações, sindicatos ou partidos – foram postas na ilegalidade e sujeitas a perseguição.

Como nenhuma documentação faz referência explícita a como e onde foi elaborado o novo plano, nem seus detalhes, é apenas sabido que Gramsci deveria passar a fronteira com a Suíça no dia 11, com a suposição que a tentativa de sair de Roma seria logo após a sessão da Câmara dos Deputados, agendada para o dia 9. Gramsci poderia partir naquela mesma noite ou no dia seguinte, em tempo de encontrar o guia da passagem para a Suíça. Decerto que isso tudo pressupunha que a imunidade parlamentar fosse ainda válida e que a vigilância policial vacilasse.

No dia 6, a imprensa ofereceu grande destaque às novas determinações do governo, ao mesmo tempo em que um decreto do Rei instituiu a lei de segurança nacional. No jornal *Il Tevere* podia ser vista a proposta de Farinacci para que fossem extintos os mandatos de todos os deputados de oposição que haviam abandonado o parlamento em 1924, para compor o chamado Aventino, o que não incluía os comunistas. Percebe-se com clareza meridiana que a situação era gravíssima e de grande perigo para as lideranças antifascistas, fossem comunistas ou não. No entanto, Mussolini solicitou a Farinacci que os comunistas fossem incluídos na lista e que seria esse um pedido do Rei.

Na segunda feira, dia 8, Gramsci esteve no parlamento para uma reunião com o grupo de deputados comunistas para discutir a ação do partido na Câmara, que seria reaberta no dia seguinte, para denunciar as leis excepcionais e a extinção do mandato

dos deputados aventinianos. A leitura do documento dos comunistas, de franca oposição a todas as manobras do fascismo da semana precedente, que seria lida pelo deputado Ezio Riboldi, fora redigida por Gramsci e aprovada pela comissão política. O documento, entre outras coisas, dizia

Vocês adotaram, hoje, medidas de estado de assédio. Essa é a única ordem que vocês podem estabelecer. Nós duvidamos que vocês tenham condições de avaliar o quanto essa ordem seja frágil. Essa é alcançada contra a vontade e os sentimentos da grande maioria do povo italiano (Cf GIACOMINI, 2014, p. 50).

Nesse momento já havia indicação da comissão política para que todos os deputados que ocupassem cargos na direção central do partido (inclusive Gramsci) se ausentassem e procurassem refúgio. No entanto havia também a ordem, emanada às 14h15min do dia 8, – possivelmente quando Gramsci encontrava-se em reunião da bancada – que dispunha para “(...) que esta noite se proceda a rigorosíssimas perseguições pessoais e domiciliares aos deputados comunistas ainda nesta província...” (Cf. SPRIANO, II, 1969, p. 62).

Assim que, naquela noite, logo depois de sair da residência de Tatiana às 22h15min, Gramsci foi detido assim que chegou na pensão onde habitava, às 22h40min, tendo encontrado a polícia já a sua espera. Dali foi imediatamente encaminhado para a prisão de Regina Coelli.

Reações imediatas

No dia 10, Camila Ravera e Giuseppe Amoretti teriam seguido para Milão para encontrarem com Grieco e Tasca. Segundo o plano, quando Gramsci deveria sair de Roma? Na noite mesmo do dia 8, apressado por conta do mandado de prisão contra os deputados comunistas? No dia 9, enquanto a sessão da Câmara se desenrolava e poderia ter uma chance maior para escapar da vigilância que imaginaria a sua presença ali? Ou ainda no dia 10, como poderia ter sido decidido entre os dias 4 e 6 para que fosse junto ou quase junto com Ravera e Amoretti e participasse antes da sessão da Câmara? Nenhum depoimento ou documento esclarece essa questão!

Enquanto isso, ainda no dia 9, Carlo Codevilla (que então usava o codinome Ugo), da comissão técnica auxiliar do secretariado político do PCI, sem saber da prisão dos deputados comunistas, escreveu a Togliatti para informar que, diante das condições de repressão, “Ruggero não irá mais, Antonio fará o passo [a passagem] na quinta-feira [dia 11] e temo que seja o único que, se tudo for bem, que poderá ir ao ampliado [VII pleno do CEIC]” (Cf CANFORA, 2012, p. 40).

No momento que a carta foi recebida é quase certo que Togliatti já soubesse da prisão de Gramsci, considerando-se a mensagem enviada no dia 11 pela embaixada soviética para a família Schucht, talvez a pedido da própria Tatiana. Antes disso, Tatiana Schucht escrevera carta (sem data) tranquilizadora para a família em Moscou, na qual narrou sem maiores detalhes a circunstância da prisão de Gramsci:

Durante o dia Antonio almoçou comigo, como de costume, já que nos últimos dias o clima não estava inteiramente tranquilo e eu não queria que ele andasse pela cidade; depois ainda veio aqui em casa, como me disse em seguida, por meia hora andou com um companheiro perto da estação e não ouviu falar do atentado, senão por certo não teria viajado. E assim, na chegada em Milão, na estação, comunicaram-lhe que devia voltar a Roma ou apresentar-se a polícia. Fizeram-lhe voltar a Roma; vocês certamente ouviram falar das maldades que aconteceram aqui durante vários dias; Antonio não foi a lugar algum durante oito dias, almoçava e jantava aqui em casa, inclusive no dia que o prenderam esteve comigo até as dez e quinze; ao sair disse a hora. Já o estavam esperando no apartamento, de modo que foi ver diretamente os amigos (Cf CANFORA, 2012, p.54-56).

Por essa carta sabe-se que Gramsci viajou para Milão pelo fim da tarde (sem dizer o horário), mas não é possível saber quem eram os sujeitos indeterminados da estação de Milão! Mas, com otimismo, adiantava sobre a prisão de Gramsci que “Pode também acontecer que seja solto antes que sejam transcorridos os 15 dias necessários para apresentação da acusação, e talvez quando o advogado tenha o direito de vê-lo” (Cf CANFORA, 2012, p. 56).

No dia 15, outra missiva de Codevilla a Togliatti, possivelmente enviada de Paris, informava:

Da Itália tristes notícias: na quinta-feira passada [dia 11] partiu daqui a guia que deveria pegar Antonio da (sic) Suíça e devia retornar a P. [Paris?] no sábado [dia13], mas até agora ninguém chegou. Irei ainda ao encontro esta noite (é o último), mas com pouca esperança porque li no Rote fanhe [sic], de Viena uma notícia de Roma que dizia do arresto dos deputados Gramsci e [Enrico] Ferrari (CANFORA, 2012, p. 40).

Em seguida Codevilla expos a suposição (bastante razoável) de que a prisão de Scoccimarro e Flecchia, em Milão, no dia 4, havia desmantelado o plano de fazer Gramsci sair do País e que ele teria preferido ficar em Roma, onde o restabelecimento do contato com a direção política poderia ocorrer com maior facilidade. O complemento do raciocínio, não escrito, mas implícito, é que Gramsci não conseguiu ou não teve tempo de fazer a rota que o levaria à Suíça no dia 11, na segunda tentativa falhada de sair da Itália.

No dia 16 (ou 19) foi a vez de Camila Ravera escrever a Togliatti. Informava que o Partido sofrera forte golpe no seu centro dirigente tendo sido detidos Gramsci, Scoccimarro, Flecchia e Tasca, mas “o mais grave é a prisão de Antonio, que é a única

coisa que golpeou e fortemente o partido: os companheiros, em geral, nos reprovam quase por não ter sabido salvá-lo, quando isso era absolutamente necessário” (Cf. CANFORA, 2012, p. 23).

Em referência ao conhecimento que Togliatti tinha da realidade do partido e em particular do temperamento de Gramsci, diz ainda que

Tu certo, que sabes muitas coisas daqui e de Antonio, entendes como as coisas aconteceram a esse propósito. Há tempos que insistíamos na necessidade de que Antonio fosse para “fora” como centro de um nosso escritório no exterior que teria tarefas particulares e que seria estreitamente coligado ao nosso centro. Antonio opunha certa resistência: observava que tal providencia precisava ser tomada somente quando as circunstancias houvessem justificado de modo absoluto também diante dos operários; que os chefes deveriam, até que não fosse mais possível, permanecer na Itália; [...] (Cf. Canfora, 2012, p. 23-24).

Na continuação, Ravera conta sem detalhes que depois do atentado de setembro a Mussolini e a prisão de Terracini insistiram na criação de um centro externo para o qual Gramsci seria o encarregado. “Em geral Antonio opunha certa resistência”, mas ao fim aceitou e se estabeleceu o plano já conhecido pelo qual participaria da reunião da CC em Val Polcevera e tomaria, ato contínuo, o rumo de Moscou para representar o PCI no VII Pleno do CEIC. No retorno pararia na Suíça para coordenar o referido centro externo.

No entanto, quando Gramsci se dirigia ao local do encontro, continua Ravera,

Foi reconhecido no trem, parado pelos agentes e reenviado a Roma, onde foi objeto de uma vigilância intensíssima. Retomados os contatos com ele, mandamos junto a ele uma pessoa encarregada de levá-lo; mas, dada a grande vigilância, essa pessoa não teve a capacidade de fazer o que deveria fazer; e tornou junto a nós (a M.) para ter novas instruções. Reenviamos outra pessoa com todas as instruções possíveis e tal a poder agir, mas de improviso saía a providência de deposição dos deputados comunistas precedido pela prisão de todos os nossos deputados; [...] (CANFORA, 2012, p. 24).

Note-se que a observação de que “R. [Grieco] escapou da detenção porque se encontrava em lugar seguro absorvido no trabalho do partido e a espera de Antonio” indica que Grieco estava em Milão no aguardo de Gramsci para executar o plano de fuga do País. Ravera não se preocupa com os detalhes dos acontecimentos processados entre 31 de outubro e 08 de novembro, mas vale notar as diferenças dessa narrativa diante das memórias publicadas em 1973. Canfora também faz a comparação, mas as conclusões que traz podem bem não corresponder a verdade.

Nessa carta, Ravera diz que Gramsci foi detido ainda no trem e enviado de volta, sendo a única vez que essa versão aparece (mas foi acolhida por Togliatti). Decorre disso que o encontro de Gramsci com Ester na estação de Milão não teria ocorrido. Do modo que escreve pode-se entender mesmo que Ester teria ido a Roma atrás de Gramsci e teria

chegado antes dela, pois diz que estava em Milão quando do primeiro encarregado de apanhar Gramsci fora enviado. No entanto, também omite completamente que estava em Roma nos dias mais terríveis de consolidação do fascismo e de tremenda derrota para o partido. O entendimento de Canfora é que Gramsci teria ficado isolado do partido entre 1 e 4 de novembro, algo pouquíssimo provável porque 1- Ester poderia já ter estado em Roma nesses dias; 2- algum contato com o partido de Roma teria havido, 3- com certeza mantinha contato diário com Tatiana.

O decisivo mesmo era comunicar a Togliatti a gravidade dos acontecimentos, a catástrofe que fora a prisão de Gramsci e o esforço da direção para levá-lo ao exterior. Ao contrário de Tania, que minorava a gravidade da situação, de forma mais realista, Ravera assim avaliava a questão:

Ora, é provável que muitos dos companheiros deputados sejam depois libertados; mas aqueles que têm questões pendentes serão mantidos e enviados ao famoso tribunal; nessa condição se encontra Antonio, que poderia ser agregado ao processo de Urbani [Terracini] (Cf. CANFORA, 2012, p. 24).

No dia 30 de novembro, já finalizados os trabalhos do VII pleno, Grieco escreve um informe a Togliatti e no fim do documento retoma a questão da prisão de Gramsci. Escreve em modo quase telegráfico:

Sobre a questão Antonio não sei se Michelli [Camila Ravera] escreveu. Nós rejeitamos toda nossa culpa pelo acontecido. Antonio deveria estar em Milão na manhã do dia 31 de outubro. Ele se atrasou. Não interveio na reunião da Central, surpreendido pelos acontecimentos. Depois dos fatos mandei uma pessoa a apanhá-lo. Tudo estava pronto para a sua partida. Ele colocou obstáculos. Mande outra pessoa, mas não mais o encontrou: tinha sido detido. Esta é a maior esfrega que nos ocorreu. (Cf. SPRIANO, II, 1969, p. 65)

A menos que Togliatti estivesse já com alguma informação sobre o ocorrido, essa passagem escrita por Grieco seria bastante obscura, em particular a segunda parte. Grieco teria mandado alguém apanhar Gramsci onde? Seria a ida de Ester Capponi a Roma, se supõe. Gramsci colocou quais obstáculos? A dificuldade de escapar da vigilância policial ou a sentida necessidade de participar nos preparativos da bancada comunista para a sessão de abertura de temporada da Câmara? Uma segunda pessoa fez nova tentativa para convencê-lo, mas não o encontrou?! Essa segunda pessoa foi mandada de Roma mesmo ou de Milão? Se mandada de Milão, essa pessoa poderia ter chegado com o dia 9 para guiar Gramsci rumo a Milão e Suíça, mas difícil é saber a sua identidade, a menos que fosse Amoretti, que se encontrava em Roma e era da comissão técnica da CC.

De fato, essa passagem serve pouco para esclarecer o que acontecera e parece sugerir que Gramsci ele mesmo seria o principal responsável pela “esfregada”. Em depoimento de 1977, Lila Ochocinskaia, a companheira de Grieco, conta que dele ouvira algo nessa mesma direção, onde a frustração e a raiva pelo acontecido ficam muito evidentes:

Contando como haviam se desenvolvido os fatos, disse-me que Gramsci havia resistido a sair da sua moradia junto com o companheiro enviado pelo Partido para levá-lo, e a esse propósito acrescentou literalmente: talvez o companheiro enviado por nós tivesse devido fazer uso da força com Antonio sem dar atenção à sua resistência (Cf CANFORA, 2012, p. 39).

Mas qual teria sido enfim o motivo da prisão de Gramsci, principal dirigente do Partido Comunista, e também de tantos outros membros da direção central? De modo geral, a resposta pode ser encontrada na incorreta apreensão do desenvolvimento orgânico do fascismo. Os comunistas italianos, Gramsci em primeiro lugar, não conseguiram apreender que o fascismo se encaminhava para um salto qualitativo em direção a sua consolidação como poder de Estado.

Esse equívoco na leitura do movimento orgânico dificultou a apreensão da conjuntura adversa, que sugeria que a saída de Gramsci da Itália ocorresse com celeridade (talvez logo em seguida a prisão de Terracini, em 12 de setembro). A rigorosa concepção ética política de Gramsci, pela qual a vanguarda revolucionária não pode abandonar a classe à qual procura representar, retardou fatalmente o projeto de saída do País. Mas o detalhe que determinou toda a história subsequente de Gramsci foi a mudança na data da partida de Roma do dia 30 para o dia 31 de outubro de 1926. Se tivesse chegado a Val Polcevera é bem possível que pudesse escapar.

Na noite de 8 de novembro de 1926, após ser detido na pensão onde morava na Via Trapagni, 35, Antonio Gramsci chega algemado na prisão de Regina Coelli. Permaneceu incomunicável por 16 dias. Em 19 de novembro, antes, portanto, do tempo de 15 dias de prazo para apresentação da acusação formal, Gramsci é comunicado que estava condenado a cinco anos de confinamento. Na viagem rumo à ilha de Ustica, começada no dia 25, para duas noites em Napoli e oito em Palermo. Em 7 de dezembro enfim chega a Ustica, apenas a primeira parada de um longo confinamento que irá até 25 de abril de 1937, dois dias antes de ser colhido pela morte. Sua herança principal para a humanidade foram os *Cadernos do Cárcere*, produzidos em quase seis anos, em indizíveis condições de sofrimento psicofísico.

Referências:

- AGOSTI, Aldo. *La Terza Internazionale: storia documentaria*. Roma: Editori Riuniti, tomo 2, volume 1, 1974.
- CAFAGNA, Luciano et all. *Le tesi di Lione. Riflessioni su Gramsci e la storia d'Italia*. Milano: Franco Angeli, 1990
- CANFORA, Luciano. *Spie, URSS, antifascismo. Gramsci 1926-1937*, Roma; Salerno editrice, 2012
- D'ORSI, Angelo. *Gramsci. Una nuova biografia*. Milão: Feltrinelli editore, 2017.
- DANIELLE, Chiara (a cura di). *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: il carteggio del 1926*. Torino: Einaudi editore, 1999.
- DEL ROIO, Marcos. *Os prismas de Gramsci*. São Paulo: Boitempo editorial, 2019.
- FIORI, Giuseppe. *Vita di Antonio Gramsci*. Bari: Editori Laterza, 1966.
- GIACOMINI, Ruggero. *Il giudece e il prigioniero*. Roma: Castelvecchi, 2014
- GIASI, Francesco. "Gli ultimi mesi di libertà". In: FRANCONI, Gianni e GIASI, Francesco (a cura di). *Un nuovo Gramsci: biografia, temi, interpretazioni*. Roma: Viella, 2020.
- GRAMSCI, Antonio. *La costruzione del Partito Comunista 1923-1926*. Turim: Einaudi editore, 1978.
- GRAMSCI, Antonio. *Lettere 1908-1926*. Torino: Einaudi editore, 1992.
- LEPRE, Aurelio. *Il prigioniero. Vita di Antonio Gramsci*. Bari: Editori Laterza, 1998.
- NALDI, Nélio. "31 ottobre 1926: Antonio Gramsci fra Roma e Milano. Un'analisi delle testimonianze" In: *Studi Storici*, anno 56, v. 1, 2015, p. 183-210.
<file:///C:/Users/Marcos/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/Content.Outlook/3FU1XEG/2015%20AGr%20Roma-Milano%20Studi%20Storici%20n.1 .pdf>
- QUERCIOLO, Mimma Pauleusi (a cura di) *Gramsci vivo*. Milano: Feltrinelli editore, 1977
- PISTILLO, Michele. *Gramsci in cárcere. Le difficili verità d'un lento assassinio*. Roma: Piero Lacaita editore, 2001.
- RAVERA, Camila. *Diario di trent'anni 1913-1943*. Roma: Editori Riuniti, 1973.
- SPRIANO, Paolo. *Gramsci in cárcere e il partito*. Roma: L'Unità, 1988.
- SPRIANO, Paolo. *Storia del Partito Comunista Italiano: Gli anni della clandestinità*. Turim: Einaudi editore, 1969.
- VACCA, Giuseppe. *Vita e pensieri di Antonio Gramsci 1926-1937*. Torino: Einaudi editore, 2012.

Recebido em 01-12-2021

Aprovado em 29-05-2022